

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A IMAGINAÇÃO E COM OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL SOB A PERSPECTIVA DE LEWIS, TOLKIEN E CHESTERTON

THE IMPORTANCE OF WORKING WITH IMAGINATION AND FAIRY TALES IN THE EDUCATIONAL CONTEXT FROM THE PERSPECTIVE OF LEWIS, TOLKIEN AND CHESTERTON

Cleodineia de Assis Vieira ¹

Isabela Matilde Santana de Almeida ²

Prof. Dr. Carlos Roberto Jamil Cury³

RESUMO

Este artigo tem como propósito discutir e refletir acerca da importância do trabalho com a imaginação no contexto educacional sob a perspectiva de Lewis, Tolkien e Chesterton. Nesse contexto, é imprescindível pontuar, como nos alertou Lewis, o entendimento de que os contos de fadas não são contos da “carochinha” ou “historinhas simplistas”. Pelo contrário, trata-se de histórias reais, repletas de ensinamento, de lições de moral, de valores morais, estéticos, sociais, culturais e políticos, sendo, para tanto, obras capazes de nos ensinar muito mais sobre a vida, sobre a humanidade, sobre a nossa personalidade, sobre nós mesmos muito mais do que as histórias pretendidas realistas por demais.

Palavras-chave: Imaginação; Contos de Fadas; Contexto Educacional; Formação.

ABSTRACT

This article aims to discuss and reflect on the importance of working with imagination in the educational context from the perspective of Lewis, Tolkien and Chesterton. In this context, it is essential to point out, as Lewis warned us, the understanding that fairy tales are not “old wives’ tales” or “simplistic little stories”. On the contrary, they are real stories, full of teachings, moral lessons, moral, aesthetic, social, cultural and political values, being, therefore, works capable of teaching us much more about life, about humanity, about our personality, about ourselves much more than the stories intended to be too realistic.

Keywords: Imagination; Fairy tale; Educational Context; Training.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante pontuar que a intenção deste artigo é discutir acerca do trabalho com a imaginação tomando como principal referência Lewis, Tolkien e Chesterton que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

³ Professor do Curso de Pedagogia da PUC Minas – Orientador do Trabalho Final de Graduação.

foram importantes autores do século XX na luta pelo trabalho com a imaginação e com os contos de fadas, em um contexto em que estas obras eram pouco valorizadas e atribuídas como um caráter não científico. Nessa linha de pensamento, Lewis problematiza que:

O conto de fadas é acusado de dar às crianças uma falsa impressão do mundo em que vivem. Na minha opinião, porém, nenhum outro tipo de literatura que as crianças poderiam ler lhes daria uma impressão tão verdadeira. As histórias infantis que se pretendem “realistas” tendem muito mais a enganar as crianças (Lewis, 2009, p. 746, grifos do autor).

Esta citação de Lewis nos convida a pensar que os contos de fadas são histórias reais, repletas de ensinamentos, de valores e de preciosidades que auxiliam a criança a compreender a realidade, por meio de uma linguagem simbólica. Nessa perspectiva, é indubitável ter em vista que um dos principais meios de aprendizagem dos educandos consiste no trabalho com a imaginação e com o “faz de conta”, imaginando diferentes realidades e inserções em determinados contextos e espaços temporais. Nessa fase, a criança está ancorada no concreto e no pensar imaginativo, para depois consolidar os conhecimentos abstratos ao longo da sua trajetória acadêmica.

Tendo em perspectiva essas questões, é importante ter em mente que os contos são histórias interessantes que trabalham fatos fictícios, mas com ensinamentos imprescindíveis que transmitem valores, emoções e ensinamentos para as crianças. Os contos de fadas atingem tanto o público infantil, quanto o público adolescente e os próprios adultos, uma vez que um mesmo texto pode ser lido de diferentes formas, consoante a interpretação particular de mundo de cada sujeito, tendo como base a sua maturidade e intencionalidade ao realizar a leitura da obra literária.

Diante desse exposto, torna-se possível ressaltar que a contribuição de Lewis, Tolkien e Chesterton são imprescindíveis, para podermos obter uma compreensão mais apurada acerca da importância do trabalho com os contos de fadas e com a imaginação no contexto educativo. Frente a essa questão, é primordial que tenhamos o entendimento de que essas obras são muito importantes de serem trabalhadas na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e ao longo de toda trajetória acadêmica, pois são histórias repletas de ensinamentos que perduram ao longo do tempo. Ao final, em cada nova leitura das obras de Lewis, Tolkien e Chesterton, possibilita-se obter uma nova visão, uma nova compreensão e um novo ensinamento conforme as vivências próprias de cada indivíduo ao longo da história.

Educação imaginária e o trabalho com os contos de fadas

Em uma primeira perspectiva, torna-se importante problematizar acerca de que a educação imaginária diz respeito a uma ação que não envolve somente o trabalho intelectual, mas compreende a dimensão humana dos indivíduos, com foco na formação social, cultural, política, moral e ética. Nesse sentido, os contos de fadas são obras muito relevantes de serem tratadas, porque são histórias atemporais, que não se desgastam ou se perdem com o tempo, mas que se tornam cada vez mais vivas, por meio da transmissão desses preciosos ensinamentos de geração em geração.

Levando em consideração essas questões, Rocha (2009, p. 7) nos convida a pensar que o papel desempenhado pelos contos de fadas é importante, na medida em que as histórias buscam trazer a realidade à luz dos personagens que vivenciam diferentes situações na história.

Os contos de fadas emocionam, divertem, criam suspense, mexem os sentimentos mais primitivos do indivíduo. Neles o bem e o mal aparecem claramente esboçados, possibilitando-se perceber que a luta contra os problemas faz parte da existência humana. Utilizando temas que fascinam e estimulam a nossa fantasia, os contos de fadas tocam em nossa imaginação, nos remetem à infância, quando o mundo parecia um caleidoscópio mágico de desejos e sonhos a modelar nossos dias... Os contos de fadas propiciam, através da oralidade, o primeiro contato que a criança tem com um texto. Por isso, deve-se proporcionar a ela a audição de muitas e muitas histórias, pois, além de ser um passo inicial no seu processo de aprendizagem, certamente contribuirá para o seu interesse em relação à leitura (Rocha, 2009, p. 7).

Com base em Rocha (2009), é relevante termos a compreensão de que os contos de fadas em sua dimensão mais ampla são histórias riquíssimas, que instigam a curiosidade, a criticidade, a imaginação, a ampliação da realidade e da leitura de mundo. Sob esse ângulo, tais obras podem ser trabalhadas tanto com crianças pequenas da Educação Infantil, por exemplo, bem como podem ser também trabalhadas com crianças maiores do Ensino Fundamental, jovens e adultos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos.

É fundamental que haja uma adequação da história e da sua forma de contação. Nesse cenário, uma das razões para que os contos de fadas possam ser trabalhados com diferentes públicos diz respeito a essas obras tratarem de problemas reais, ao mesmo tempo, em que delimitam um contexto, um início, um meio e um desfecho para a história.

Outra questão importante a ser mencionada é que os contos de fadas são educativos, enquanto se forma a personalidade e o caráter tanto de uma pessoa como de um grupo de pessoas. Afinal, através da ação de um ou mais personagens, torna-se possível refletir acerca

da própria vida e dos problemas reais. E nesse espectro os contos de fadas impactam de forma diferente cada indivíduo consoante o seu contexto social, histórico, político e econômico.

Em uma segunda dimensão, ainda segundo Rocha (2009), é possível afirmar que:

Os contos tratam de problemas humanos universais como, por exemplo, a solidão e a necessidade de enfrentar a vida por si só, mas de uma maneira simbólica. Nesse sentido, ajudam a criança no mais difícil em sua criação: dar um sentido à vida. Assim, contribuem para a formação da personalidade por referir-se a problemas interiores e, surgindo soluções simples, promovem o desenvolvimento de recursos internos para que a criança possa enfrentar as dificuldades da vida envolvidas em seu crescimento (Rocha, 2009, p. 35).

Rocha (2009) nos convida a refletir acerca de que os contos de fadas são importantes não por mostrar simplesmente uma situação problema, mas por mostrar como, mesmo diante de situações difíceis, há sempre uma luz ao final do túnel, há sempre diferentes saídas para resolver um mesmo problema e, ao final, se persistimos diante dos desafios sairemos vencedores.

Segundo Lewis (2009), é possível problematizar que:

O conto de fadas é acusado de dar às crianças uma falsa impressão do mundo em que vivem. Na minha opinião, porém, nenhum outro tipo de literatura que as crianças poderiam ler lhes daria uma impressão tão verdadeira. As histórias infantis que se pretendem “realistas” tendem muito mais a enganar as crianças (Lewis, 2009, p. 746, grifos do autor).

Conforme exposto por Lewis (2009), é importante ter em vista que os contos de fadas não são irrealistas ou “contos da carochinha” como afirmam os críticos que se opõem em relação ao trabalho com os contos de fadas por acreditarem que não são obras científicas. Ainda segundo Lewis (2009), as histórias que pretendem ser realistas são, na realidade, por vezes enganosas e pouco proveitosas, pois não transmitem ensinamentos nem a magia que o conto de fadas produz nas crianças, nos adolescentes, jovens, adultos e até mesmo nos idosos.

Em síntese, podemos concluir desta parte que o trabalho com a imaginação envolve um compromisso sério por parte do docente que deve se dedicar a não somente compreender a obra pela obra. Mas em estudar boas histórias que realmente trarão ensinamentos para a sua turma e lições que poderão ser trabalhadas tendo como foco tanto o trabalho intelectual, como também as questões que impactaram a vida dos educandos em sua dimensão social, cultural, política, moral, emocional, ética, dentre outros pontos.

O trabalho com a imaginação sob a perspectiva de Lewis

A princípio, é importante frisar que a escolha por Lewis está relacionada a sua extrema competência ao lidar com o trabalho com a imaginação e com os contos de fadas. Lewis deixou um legado para todas as gerações, uma vez que a sua forma de escrever atinge diferentes públicos ao contemplar temas relacionados à fantasia, mas também ao papel do homem no mundo, à vida em sociedade, a temas do cotidiano e a reflexões sobre a vida e a morte.

Tendo em consideração essa questão, a escolha por trabalhar com Lewis está associada ao seu importante trabalho com a imaginação e com os contos de fadas para o público infantil, mas também para o público juvenil e adulto. Nesse sentido, Lewis foi um autor que soube compreender com êxito a importância do imaginário para a formação do intelecto e o desenvolvimento emocional, social e psicológico do ser humano, considerando o desenvolvimento do homem desde a sua infância até a vida adulta.

Segundo Frazão (2022), é possível afirmar que Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, foi um escritor, professor e crítico literário irlandês, nasceu no dia 29 de novembro de 1898, em Belfast, na Irlanda (atual Irlanda do Norte) e morreu em 1963. Lewis foi filho caçula do advogado Albert James Lewis e de Florence Augusta Lewis, filha de um clérigo da Igreja da Irlanda, que foi criado na fé cristã. Lewis foi educado inicialmente por sua mãe e por uma governanta. Desde cedo o seu interesse pelos livros e pelo universo literário era uma questão muito marcante de perceber.

Lewis passava a maioria do tempo na biblioteca da família dedicando-se à leitura de livros clássicos. Um dos acontecimentos mais marcantes na sua vida foi a perda da sua mãe aos 10 anos e essa ausência trouxe muito sofrimento para ele. De acordo com Frazão (2022), é possível afirmar que Lewis estudou em diversas instituições, recebendo uma boa educação. Aos 15 anos, se tornou ateu e despertou o interesse pelo ocultismo. Nessa fase, Lewis era um completo cético que não acreditava na existência de Deus, nem na possibilidade de existir algum deus.

Pelo contrário, era um jovem que questionava muito acerca do mal da humanidade e do fato trágico da morte da sua mãe que o tornou órfão muito cedo. Para Lewis, como era possível acreditar no “conto de fadas religioso”, se a religião era a maior enganação e alienação? Ao longo do processo, o autor começou a ter amizade com Tolkien, que era um cristão católico e que também era um escritor de obras de literatura que trabalhavam com a questão da imaginação e dos contos de fadas.

Justamente, Tolkien teve muita influência na conversão de Lewis, inclusive, a partir de uma conversa entre eles sobre a natureza dos mitos e dos contos de fadas que despertou em Lewis um interesse em conhecer mais sobre Deus e, somente aos 31 anos, se converteu ao cristianismo, tornou-se membro da Igreja Anglicana e permaneceu anglicano pelo restante da sua vida.

Ainda segundo Frazão (2022), é possível afirmar que as principais obras de Lewis foram: “O Regresso do Peregrino” (1933), cuja ficcionalização expressa a busca do autor por uma satisfação espiritual e pela busca do transcendente; “A Alegoria do Amor: Um Estudo da Tradição Medieval” (1936), que consiste no ensaio de Lewis acerca de obras alegóricas que marcaram, na literatura inglesa, a virada da Idade Média para o Renascimento, contemplando a questão das figuras de linguagem para expressar os anseios do coração humano; “As Crônicas de Nárnia”, que consiste numa série de sete romances de ficção e fantasia.

A primeira série de “As Crônicas de Nárnia” tem como título “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa” (1950); a segunda série “Príncipe Caspian” (1951); a terceira série “Viagem do Peregrino da Alvorada” (1952); a quarta série “A Cadeira de Prata” (1953); a quinta série “O Cavalo e Seu Menino” (1954); a sexta série “O Sobrinho do Mago” (1955) e a sétima série “A Última Batalha” (1956). É importante pontuar também que essa obra é uma das mais famosas de Lewis, tanto que foi traduzida em mais de 41 idiomas e adaptada para a televisão e para o cinema.

A obra “As Crônicas de Nárnia” é carregada de simbologias, analogias, metáforas e comparações do elemento mítico. Conforme mencionado por Frazão (2022), ao longo dessa série, Lewis usou elementos da mitologia grega e nórdica, como também os tradicionais contos de fadas, em que os animais falam. A magia é frequente e ocorrem batalhas entre o bem e o mal, em que o leão “Aslam” ajuda a derrotar a feiticeira e trazer a paz de volta à Nárnia.

Nessa obra, é interessante frisar que é trazido não somente o enredo da história em si, mas ensinamentos para a vida, como exemplo, o valor da amizade entre irmãos, a necessidade de se ajudarem reciprocamente diante do perigo. Além disso, são trabalhados os valores da lealdade, da ética, da moral, da cumplicidade e da necessidade de abnegação, característica presente, principalmente, na figura do “Aslam” representado pelo leão, que é um animal corajoso, governante, esperto, leal e que conduz o seu grupo.

Além disso, é imprescindível pontuar que “Aslam” não é uma alegoria de um deus, mas é a divindade de Nárnia. “Aslam” assume uma força, resiliência, gentileza, ao mesmo tempo em que é tomada pela ira, pelo senso de justiça, de verdade e de compaixão.

Ademais, em “Um experimento na crítica literária”, versão de 2009 da editora Unesp, Lewis nos convida a refletir acerca da importância da formação do leitor e do lugar da leitura no processo da formação humana. Nesse cenário, ao longo das 130 páginas, Lewis nos convida a refletir acerca da importância da formação do leitor e do lugar da leitura no processo da formação humana. Não somente isso, pois também busca problematizar acerca do mito, dos contos e das histórias que buscam retratar a realidade imaginária e literária. De acordo com Lewis (2009):

A marca de leitura estritamente literária, em contraste com a leitura científica ou informativa de um modo geral, é que não precisamos acreditar no Logos ou aprová-lo. A maioria de nós não acredita que o universo de Dante tenha qualquer coisa que ver com o real. Aliás, na vida real, a maioria de nós consideraria a emoção expressa na Aparição de Donne tola e degradada; até mesmo, o que é pior, desinteressante. Nenhum de nós pode aceitar simultaneamente as visões de mundo de Housman e de Chesterton ou as do Omar de Fitzgerald e de Kipling. Que valor tem, então -ou qual é sua justificativa-, ocupar nossos corações com histórias do que nunca aconteceu e penetrar vicariamente nos sentimentos do outro os quais deveríamos tentar evitar em nossa própria pessoa? Ou de fixar nosso olhar interior seriamente em coisas que não podem existir - o paraíso terrestre de Dante, Tétis saindo do mar para confortar Aquiles, a Senhora Natureza de Chaucer ou de Spenser, ou o navio fantasma de Mariner? (Lewis, 2009, p. 120).

A presente citação nos convida a pensar sobre a importância da literatura e da leitura no processo de formação do conhecimento. A leitura é uma questão imprescindível, pois nos torna não somente letrados, mas capazes de compreender o mundo e essa compreensão relaciona-se também à imaginação. Afinal, quanto mais lemos, mais expandimos os nossos horizontes, alargando a nossa visão e imaginação para compreender e desvendar realidades não conhecidas e concebidas anteriormente. Em “Um experimento na Crítica Literária” (2009), Lewis traz a subjetividade da literatura discutindo a respeito do que é um sujeito leitor, do que seria a experiência literária e de como essa questão pode contribuir na vida das pessoas. Para Lewis (2009), a experiência literária aumenta o referencial do indivíduo curando a ferida da individualidade.

A experiência literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio. Há emoções de massa que também curam a ferida, mas destroem o privilégio. Nelas, nossos seres isolados fundem-se entre si, e afundamos de volta à subindividualidade. Mas lendo a grande literatura, torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo. Corno o céu noturno no poema grego, vejo com uma miríade de olhos, mas ainda assim sou eu quem vê. Aqui, tal corno no ato religioso, no amor, na ação moral e no conhecimento, transcendo a mim mesmo. E nunca sou mais eu mesmo do que ao fazê-lo (Lewis, 2009, p. 123).

De acordo com Lewis (2009), é fundamental considerar que a leitura é um processo muito importante. No entanto, ler um livro relevante é algo determinante para gerar transformações no sujeito, ampliando a sua dimensão da realidade. Considerando essa questão atrelada à imaginação, é importante pontuar que a leitura tem a relevância de ampliar a visão da criança, para que ela imagine novos cenários e aprenda com os personagens lições de moral que estão presentes em fábulas, nos contos de fadas e nas narrativas infanto-juvenis.

Em síntese, para Lewis, é através da imaginação que o aprendizado efetivamente acontece e produz não somente um conhecer vazio, mas uma razão de sentidos que faz a alma transbordar, se sentir iluminada e capaz de vencer os desafios e obstáculos da realidade. Considerando essa compreensão, o intuito deste tópico foi tratar da contribuição de Lewis para a reflexão acerca do trabalho com a imaginação e a importância disso, principalmente, para o público infantil.

O trabalho com a imaginação sob a perspectiva de Tolkien

A priori, é importante frisar que a escolha por Tolkien está relacionada a sua extrema competência ao lidar com o trabalho com a imaginação e com os contos de fadas. Tolkien é considerado o pai da literatura fantástica moderna, possui uma vasta obra literária, com mais de 40 livros publicados. Além disso, é fundamental considerar que Tolkien foi um dos principais autores que realizou a defesa da importância da imaginação e dos contos de fadas não somente para as crianças, mas também para os adultos. Tolkien investiu no trabalho para diferentes públicos, considerando todas as fases da vida, desde a criança até o universo do mundo adulto.

Ademais, uma das obras mais interessantes para o público infantil consiste na saga do “Hobbit”. Esse romance de ficção teve tanto sucesso que Tolkien foi convidado a escrever uma continuação para a história. E daí nasceu outra obra de Tolkien muito famosa: “O senhor dos anéis”, inclusive transposto para o cinema. O interessante do Hobbit consiste na aventura do personagem na Terra Média. Nesse lugar, Hobbit e os anões vivenciam situações complicadas, obstáculos perigosos, como goblins, dragões e terrenos traiçoeiros para conquistar um tesouro e um reino perdidos.

Nessa perspectiva, a escolha por Tolkien está relacionada tanto a sua contribuição no trabalho com a imaginação e com os contos de fadas para as crianças, como também para os adultos. Nesse raciocínio, Tolkien tinha o entendimento do caráter educativo dos contos de

fadas, que, segundo ele, consistiria em “aventuras fantásticas” capazes de retratarem problemas que os personagens têm que enfrentar.

Sob esse ângulo, é relevante ressaltar, segundo Frazão (2021), que John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), mais conhecido popularmente como Tolkien, foi um escritor, filólogo e professor universitário inglês e autor das obras clássicas de literatura fantástica “Senhor dos Anéis” e “Hobbit”. Tolkien nasceu em Bloemfontein, África do Sul, foi filho do inglês Arthur Tolkien, que era um bancário. Tolkien viveu na África do Sul até a morte de seu pai, em 1896. Ainda em 1896, Tolkien mudou com a sua mãe e seu irmão para a Inglaterra.

A mãe de Tolkien era protestante, mais especificamente, da Igreja Anglicana. Todavia, ela se converteu para o catolicismo e essa mudança de vida impactou Tolkien, fervorosamente, fazendo-o se tornar um católico convicto da sua religião. Tolkien, desde cedo, se mostrava muito estudioso e curioso com a questão da literatura e da mitologia, tanto que, em 1908, ingressou no Exeter College, da Universidade de Oxford, e logo mostrou interesse pela filologia e por antigas sagas e lendas nórdicas.

Ainda conforme Frazão (2021), torna-se possível pontuar que, em 1904, Tolkien teve que conviver com a morte da sua mãe, que foi uma questão marcante em sua vida. Mas a presença do padre jesuíta Francis Xavier Morgan foi uma bênção em sua vida, a ponto de Tolkien considerá-lo como um segundo pai. As obras de Tolkien mais conhecidas mundialmente foram: “Hobbit” (1937) e “O Senhor dos Anéis” (1954-1955).

Em “Hobbit” é tratado sobre um “personagem mitológico inspirado em uma saga épica medieval repleta de elementos fantásticos e de seres e mundos imaginários” (Frazão, 2021). A presente obra revela-se como uma história interessante, que busca trabalhar com o imaginário e com elementos que despertam a curiosidade da criança através da narrativa da “Terra Média”, que é um local com elfos, duendes e magos.

O “Senhor dos anéis”, diferentemente, de “Hobbit”, é um livro escrito para adultos que contempla uma narrativa mais analítica e profunda em intensidade e discussões, visto que o eixo principal da história se constitui na luta e na oposição entre o bem e o mal como forças antagônicas que causam muitos conflitos na vida.

Em “Árvore e Folha”, que é um livro de 106 páginas do ano de 2017, da editora Martins Fontes, Tolkien busca trazer problematizações e questionamentos acerca do que são os contos de fadas e se os que não são podem ser considerados contos de fadas, quais as origens desses contos, quais são os seus efeitos e suas utilidades práticas.

Considerando essa organização, é relevante comentar que, logo nas primeiras páginas, Tolkien traz a questão dos contos de fadas levando em consideração a sua complexidade e amplitude. Segundo Tolkien (2017):

O reino dos contos de fadas é amplo, profundo e alto, cheio de muitas coisas: lá se encontram todos os tipos de aves e outros animais; oceanos sem praias e estrelas sem conta; uma beleza que é encantamento e um perigo sempre presente; alegria e sofrimento afiados como espadas. Um ser humano talvez possa considerar se afortunado por ter vagueado nesse reino, mas sua própria riqueza e estranheza atam a língua do viajante que as queira relatar. E, enquanto está lá, é perigoso que faça perguntas demais, pois os portões poderão se fechar e as chaves se perder (Tolkien, 2017, p. 8).

Conforme a citação de Tolkien, é possível afirmar que os contos de fadas seriam histórias que retratam a beleza, a profundidade, as profundezas da nossa alma, sendo capazes de retratar os nossos sentimentos e emoções, dor, alegria, tristeza, certezas, incertezas e medos. Os contos de fadas seriam importantes para a formação do nosso pensar imaginativo.

Ainda segundo Tolkien, na obra “Árvore e Folha” (2017), é possível pensar que a mente humana é capaz de formar imagens mentais de coisas que não estão presentes de fato e essa habilidade é conhecida como a “faculdade imaginativa”.

A faculdade de conceber as imagens é (ou era) naturalmente chamada de Imaginação. Mas em tempos recentes, em linguagem técnica, não normal, a Imaginação muitas vezes tem sido considerada algo mais elevado que a mera criação de imagens, atribuída às operações de Fancy (uma forma reduzida e depreciativa da palavra mais antiga Fantasy); assim, tenta-se restringir, eu deveria dizer perverter, a Imaginação ao “poder de dar a criações ideais a consistência interna da realidade (Tolkien, 2017, p. 31-32).

Para Tolkien (2017), a imaginação não seria somente uma “faculdade imaginativa”, mas um poder interno que dá consistência às nossas ações, interpretações e visões da realidade e para além da realidade concreta. Além disso, conforme o autor, a imaginação e o pensar imaginativo não destruiriam a razão, mas dariam uma ampliação à razão, fugindo dessa forma de uma tendência obscurantista e cientificista em demasiado. O autor compreende que a fantasia é importante e faz parte da atividade humana natural. Os homens, o tempo todo, estão em atividades de fantasiar, pensar, projetar, repensar e planejar, pôr em prática as suas intenções e ações concretas.

A Fantasia é uma atividade humana natural. Certamente ela não destrói a Razão, muito menos insulta; e não abrandando o apetite pela verdade científica nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais aguda e clara a razão, melhor fantasia

produzirá. Se os homens estivessem num estado em que não quisessem conhecer ou não pudessem perceber a verdade (fatos ou evidências), então a Fantasia definharia até que eles se curassem. Se chegarem a atingir esse estado (não parece totalmente impossível), a Fantasia perecerá e se transformará em Ilusão Móbida (Tolkien, 2017, p. 36-37).

Essa citação reforça novamente a compreensão dos contos de fadas como essenciais para o pensar e conceber a realidade. Essas histórias traçam propósitos e exprimem emoções com consistência, há um percurso difícil e um final, no qual apresenta a grande virada da história, a alegria do final feliz. Em síntese, Tolkien nos leva a pensar que esse desfecho da história não é uma questão de escape, necessariamente, mas revela o entendimento de que os problemas existem, mas que podem ser vencidos e de que o bem pode triunfar sobre o mal.

O trabalho com a imaginação sob a perspectiva de Chesterton

É importante frisar que a escolha por Chesterton está relacionada a sua extrema competência ao lidar com o trabalho com a imaginação e com os contos de fadas. Chesterton é convertido do anglicanismo ao catolicismo, é considerado filósofo e teólogo, estudou com profundidade acerca dos contos de fadas e da imaginação no processo de aprendizagem e na formação humana.

Chesterton trouxe uma compreensão da sociedade, buscando investigar o que é o homem, quais as suas inclinações, seus desejos e sua natureza e essas ideias estão muito latentes na obra “Ortodoxia”. Além disso, é fundamental ter em mente que Chesterton tem um trabalho importante na defesa da importância da imaginação e dos contos de fadas não somente para as crianças, mas para os adultos. Chesterton investiu mais em retratar obras de literatura geral, teologia e filosofia, mas também trouxe importantes discussões sobre o papel da imaginação no processo de desenvolvimento da criança.

Nesse prisma, as obras de Chesterton são importantes para a compreensão do mundo moderno, mas também para o entendimento sobre a educação, a formação da personalidade da criança e o trabalho com a imaginação nesse percurso do desenvolvimento infantil até a fase adulta. Nessa perspectiva, a escolha por trabalhar com Chesterton está relacionada a sua compreensão acerca da importância do trabalho com a imaginação e com os contos de fadas no contexto educacional.

Sob essa compreensão, Chesterton afirmava que os contos de fadas consistem num dos instrumentos mais importantes no processo de educação e formação da personalidade, prova disso é que o autor tinha o entendimento de que “Um dragão de sete cabeças é, talvez, um

monstro muito assustador. Mas para uma criança que nunca ouviu falar dele é um monstro muito mais assustador.” (Chesterton, 1905).

Considerando essa introdução, é relevante pontuar sobre a biografia de Chesterton. Segundo o site “Sociedade Chesterton Brasil”, esse autor foi um dos maiores escritores do mundo, nasceu em 29 de maio de 1874, em Kensington, Londres. Seus pais se chamavam Edward Chesterton e Marie Louise Keith. Gilbert Keith Chesterton era um escritor profundo, caridoso e de uma inteligência honesta e brilhante. Sua irmã, Beatrice, faleceu aos 8 anos, porém ele teve outro irmão, Cecil Chesterton, com quem travou calorosos debates ao longo da infância e da juventude.

Um dos fatos curiosos da vida acadêmica de Chesterton está associado à visão que os professores tinham dele como alguém que não era um bom aluno e que não era competente no que fazia. Essa compreensão era, na realidade, um entendimento errôneo, uma vez que o problema estava não na dificuldade de entendimento do conteúdo, mas no fato de ser míope e ter dificuldade de enxergar.

Ainda conforme esse site, é possível refletir que outra questão a respeito de Chesterton consiste na sua religião, o escritor foi criado na religião anglicana, mas, pelos estudos, foi passando a conhecer a Igreja Católica e a sua respectiva doutrina. Porém, a sua conversão concreta e formal demorou, devido a Frances Blogg, sua esposa, que era anglicana e temia a conversão do marido. Frances Blogg se converteu ao catolicismo no ano de 1926.

As obras principais de Chesterton que podemos destacar foram: “Ortodoxia” (1908) e “O que há de errado com o mundo” (1910). Em “Ortodoxia”, Chesterton traz a provação da fé cristã e as respostas para a existência e os problemas humanos. Em “O que há de errado com o mundo”, Chesterton traz a problemática de que o que há de errado com o mundo é o fato de as pessoas não questionarem o que é o certo e o errado.

Segundo os ensinamentos de Chesterton (1905), os contos de fadas são essenciais no processo educacional. Isto porque, através das narrativas, a criança vai conseguindo compreender a sua realidade e os desafios do mundo. Como exemplo, em vez de trabalhar com as crianças pequenas a abstração da situação de que no mundo há muita maldade, pode-se trabalhar com a história do dragão de sete cabeças, que é uma ameaça, mas que pode ser vencida.

Esse simples exemplo ilustra a situação concreta de que mesmo que haja um mundo cruel a sua volta, ainda assim é possível vencer esse desafio, escolhendo fazer o bem para as pessoas, em vez de agir como um dragão que deseja em todo tempo atacar os outros.

Destarte, é mister pontuar que a imaginação traduz a realidade com base na linguagem da criança, ou seja, em vez de se trabalhar conceitos complexos, pode-se oferecer a esse indivíduo lições de moral e conduta humana através da contação de histórias e exemplificação de personagens em diferentes contextos, épocas e situações do cotidiano.

A versão do livro “Contos de fadas e outros ensaios literários” é do ano de 2013, tem 356 páginas e tem como edição a editora Resistência Cultural. Nessa obra, Chesterton traz a questão dos contos de fadas como obras didáticas, repletas de valores e significados. Nessa perspectiva, na página 212 de “Contos de fadas e outros ensaios literários”, Chesterton discute que os contos de fadas são:

Por natureza não apenas morais no sentido de serem inocentes, mas morais no sentido de serem didáticos, morais no sentido de moralizarem. Que falem da liberdade na terra encantada, mas o fato é que, segundo as melhores estatísticas oficiais, a liberdade é bem pouca e preciosa na terra encantada (Chesterton, 2013, p. 212).

A presente citação é um convite de Chesterton aos seus leitores para a reflexão sobre o papel dos contos de fadas no processo da formação dos valores e princípios que norteiam a conduta humana. Ainda segundo Chesterton, em “Contos de fadas e outros ensaios literários” (2013), é possível ressaltar que:

Algumas pessoas solenes e superficiais (pois quase todas as pessoas superficiais demais são solenes) afirmaram que os contos de fadas são imorais; basearam-se em algumas circunstâncias acidentais ou em incidentes lamentáveis na guerra entre gigantes e crianças, em alguns dos casos tendo as últimas se satisfeito com criar embustes ou até mesmo com pregar peças. A objeção, contudo, não apenas é falsa, mas o exato oposto dos fatos (Chesterton, 2013, p. 212).

Tendo em vista a citação de Chesterton (2013), é essencial considerar que os contos de fadas não são imorais, mas revelam-se como histórias preciosas, com importantes lições captadas através dos cenários e dos personagens envolvidos no drama. O trabalho com a imaginação ganha forma e novos olhares através dos contos de fadas, uma vez que essas obras contemplam uma realidade transcendente e que não está exposta.

Outra questão que devemos observar é que o misticismo leva ao realismo. Por um conflito envolvendo determinado personagem, tornamo-nos capazes de pensar e repensar a nossa própria vida e os nossos próprios conflitos, imaginando que, apesar dos problemas, há uma saída. Assim como ocorre nas histórias em que há todo encantamento nas histórias de personagens que vivem situações tão difíceis, mas no final há um final feliz e surpreendente.

Outrossim, a versão da obra “Ortodoxia” escolhida é do ano de 2013, da editora Ecclesiae, com 279 páginas. Sob esse prisma, Chesterton (2013) traz como um dos pressupostos nessa obra a noção crítica de que a imaginação não é uma insanidade ou ingenuidade.

A imaginação não gera a insanidade. O que gera a insanidade é exatamente a razão. Os poetas não enlouquecem; mas os jogadores de xadrez sim. Os matemáticos enlouquecem, e os caixas; mas isso raramente acontece com artistas criadores. Como se verá, não estou aqui, em nenhum sentido, atacando a lógica: só afirmo que esse perigo está na lógica, não na imaginação. A paternidade artística é tão sadia quanto a paternidade física. Além disso, vale a pena observar que, quando um poeta foi realmente mórbido, o fato geralmente se deu porque ele tinha um ponto fraco de racionalidade no cérebro. Poe, por exemplo, foi realmente mórbido; não porque era poético, mas porque era especialmente analítico. Para ele até o jogo de xadrez era poético demais; ele não gostava de xadrez porque era um jogo cheio de peões e castelos, como um poema. Declaradamente, preferia as casas brancas do jogo de damas, por se parecerem mais com os meros pontos pretos num gráfico (Chesterton, 2013, p. 16-17).

Considerando a argumentação de Chesterton (2013), é importante constatar que o grande desafio apresentado por ele é mostrar que o que gera a insanidade não é a imaginação, mas é justamente a razão. Ao afirmar essa questão, o autor considera que a razão leva ao enlouquecimento, porquanto, que o racionalista leva a realidade de uma forma pesada e limitante, vivenciando uma realidade do óbvio, que não apresenta nenhuma novidade. Os poetas, os artistas e os filósofos vivenciaram exatamente o oposto, pois encontraram uma saída, viver uma vida com mais emoção e sentido, concebendo a realidade para além do que está posto. Trata-se do excesso de razão.

Nessa linha de raciocínio, é importante pontuar que, no decorrer da modernidade, houve o entendimento acerca do equilíbrio entre o intelecto e o afeto. Um dos principais expoentes dessa ideia é Pascal. Para Pascal, há duas vias de conhecimento que devem ser tidas como complementares e harmônicas. Isto é, tanto a razão quanto a emoção (instintos) são alternativas importantes para acesso ao saber.

Esse entendimento é importante para que não haja nem a absolutização da razão, esquecendo-se do papel da emoção que trará como consequência o absolutismo da razão, que pode levar ao enlouquecimento. Nem também o jogo da irracionalidade, uma vez que a absolutização da fantasia leva o sujeito ao irrealismo, que trará como consequência o enlouquecimento e a perda do realismo.

Dessa maneira, Chesterton, ao tratar do trabalho com a imaginação e com os contos de fadas, exemplifica a importância de existir o equilíbrio entre a razão e a fantasia, que são questões importantes para o processo educacional e para o desenvolvimento humano.

Ainda segundo Chesterton em “Ortodoxia”, é relevante ressaltar que “A poesia mantém a sanidade porque flutua facilmente num mar infinito; a razão procura atravessar o mar infinito, e assim torná-lo finito. O resultado é a exaustão mental, como a exaustão física do sr. Holbein.” (Chesterton, 2013, p. 17). Nessas linhas, o autor reforça a ideia de que os poetas são chamados de loucos por serem sonhadores, mas os loucos na realidade são os indivíduos que aprisionam a realidade do mundo e não conseguem expandir os seus horizontes e pensar fora da caixa.

Em suma, Chesterton, ao final de “Ortodoxia”, traz a conclusão de que os contos de fadas e o processo imaginativo são uma realidade que nos inspira a viver o equilíbrio das nossas ações para viver a realidade com emoção e intensidade. Ou seja, é através dos desafios impostos pelo mundo real que seremos capazes de nos tornarmos humanos e seres resilientes, capazes de sentir medo, mas de não achar que será esse medo que irá nos paralisar. Considerando essa compreensão, o intuito deste tópico foi tratar da contribuição de Chesterton para a reflexão acerca do trabalho com a imaginação e a sua importância, principalmente para o público infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões apresentadas, torna-se possível pontuar, primeiramente, que o trabalho com a imaginação e com os contos de fadas consiste em uma oportunidade que pode ser trabalhada tanto com as crianças na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, quanto com adolescentes, jovens, adultos e idosos do Ensino Médio ou da Educação de Jovens e Adultos, considerando a atemporalidade dessas histórias e os ensinamentos que essas obras trazem em sua dimensão intelectual, social, humana, política, cultural, estética, artística, ética e moral.

Em segundo lugar, é fundamental termos o entendimento da necessidade de aprofundarmos no estudo acerca do trabalho com a imaginação e com os contos de fadas, levando em consideração a análise, a relevância e a contribuição de obras tanto antigas, como as mais modernas. Nesse sentido, compreendermos que é de suma relevância que, ao trabalhar com essas histórias, tenhamos compromisso, dedicação e seriedade de escolhermos obras que, de verdade, trarão impactos positivos para os educandos, considerando os objetivos pedagógicos, a intencionalidade pedagógica, as metas que se pretende alcançar, pensando o como, o porquê e o para que se escolher trabalhar com determinada obra.

Ademais, também é possível pontuar que a contribuição de Lewis, Tolkien e Chesterton acerca do trabalho com a imaginação e com os contos de fadas foi importante não somente para o século XX, mas continua sendo relevante no século XXI e continuará tendo um legado ao longo de toda eternidade. Eles foram autores que não somente explicaram teoricamente acerca dessas questões, mas que foram a fundo, mostrando a prática e os resultados com as suas obras que se tornaram não somente livros, mas adaptações para o cinema e para jogos. E não podemos esquecer o quanto esses três autores inspiraram outros grandes escritores.

Em síntese, podemos concluir com este artigo que Lewis, Tolkien e Chesterton nos convidam a pensar que os contos de fadas não são “contos da carochinha”, mas são histórias repletas de lições, ensinamentos e preciosidades, utilizando cenários, simbologias e despertando, principalmente, o interesse e a curiosidade de diferentes públicos - crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

REFERÊNCIAS

CHESTERTON, Gilbert Keith. Educação por meio dos contos de fadas. **Sociedade Chesterton Brasil**, 08 fev. 2014. Disponível em: sociedadechestertonbrasil.org/educacao-por-meio-dos-contos-de-fadas/. Acesso em: 03 dez. 2022.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. São Paulo: Ecclesiae, 2013.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Gilbert Keith Chesterton**. Disponível em: <https://www.sociedadechestertonbrasil.org/g-k-chesterton/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de C. S. Lewis. **Ebiografia**, 19 jan. 2022. Disponível em: https://www.ebiografia.com/c_s_lewis/. Acesso em: 09 jun. 2023.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de J. R. R. Tolkien. **Ebiografia**, 05 jan. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/t_r_r_tolkien/. Acesso em: 09 jun. 2023.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. Volume II. O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. Tradução de João Luís Ceccantini. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia**. Volume Único. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROCHA, Maria Conceição Bacelar. **A importância dos contos de fada para a criança**. 2009. 47 f. Monografia (Especialização). Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e folha**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 106 p.